

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E ORGANIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE TRABALHO: breves considerações

Hugo Cordeiro Mota Pinheiro¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo trazer as transformações empreendidas pelo capitalismo no período toyotista sob dois aspectos. O primeiro deles se refere às mudanças empreendidas na organização dos processos de trabalho, numa esfera mais imediata e aparente, que é expressa na relação mais direta do trabalhador com os meios de produção. A segunda, por sua vez, se trata da dinâmica da acumulação capitalista, uma dimensão da qual se exige maior poder de abstração, mas que consideramos como a base material deste modo de produção.

Palavras-chave: toyotismo, processos de trabalho, acumulação capitalista.

ABSTRACT

This article aims to bring the transformations undertaken by capitalism in the Toyotist period under two aspects. The first one refers to the changes undertaken in the organization of work processes, in a more immediate and apparent sphere, which is expressed in the worker's more direct relationship with the means of production. The second, in turn, deals with the dynamics of capitalist accumulation, a dimension from which greater abstraction is required, but which we consider as the material basis of this mode of production.

Keywords: Toyotism, work processes, capitalist accumulation

1 INTRODUÇÃO

O acirramento das contradições do período fordista-keynesiano – recrudescimento das lutas de classe e o esgotamento do ciclo de acumulação do capital – delimitou o contexto no qual o modo de produção capitalista empreendeu um processo de reestruturação do modelo produtivo que o corresponde. Assim, o

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); doutorando em Serviço Social, mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); hugo.motapinheiro@gmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



toyotismo, modelo de produção inaugurado com o surgimento da década de 1970, buscou contornar o período de queda das taxas de lucro, corrente já desde final da década de 1960, além de ter a finalidade de expandir o campo de atuação do capital e de submeter ainda mais o trabalho às suas demandas. O toyotismo conforma, então, a tática usada pelo capital para preencher as lacunas deixadas pelo taylorismo-fordismo, tanto no processo de produção da riqueza como na concepção da sociabilidade a ele necessária junto à classe trabalhadora.

Com o toyotismo, o capital empreende um conjunto de transformações no campo da produção, pautado na *acumulação flexível*, nas mudanças operadas na organização dos processos de trabalho e na tendência à generalização do uso de instrumentos técnico-informacionais na esfera da produtiva – muito embora o uso desses instrumentos alcance também a circulação². Essas transformações são tendências próprias da concorrência intercapitalista na busca pelo crescimento das taxas de lucro e pela superação de sua queda tendencial. Contudo, essa dinâmica de concorrência é agravada com a emergência do capital financeiro (LENIN, 2012 [1916]) e com os Investimentos Externos Diretos (IEDs). Isto porque, concentração e centralização – por meio das empresas multinacionais oriundas dos países imperialistas, com a participação essencial do capital portador de juros e do capital fictício (MARX, 2017 [1894]) – são acirradas quando o capital exerce um processo de exploração generalizada e intensificada.

2 TOYOTISMO E ORGANIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE TRABALHO

O toyotismo inscreve-se num período ao qual o capital articula mudanças no campo econômico-financeiro a novas formas de organização dos processos de trabalho – já que estimula a generalização de um tipo de força de trabalho da qual se exige proatividade, *multiespecialização* e maior produtividade (ANTUNES, 2009).

² BRAVERMAN (1981) Neste ponto há como determinação a ampliação do setor de serviço, como apontado por. No que diz respeito à apreensão das esferas da circulação e da produção, ver o Livro II de *O Capital*, nos capítulos 1, 2 e 3, em que MARX ([1885] 2014) aborda as duas dimensões da circulação (ciclo do capital e do capital-mercadoria) e a esfera da produção (o capital produtivo).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Significa dizer que as transformações ocorrem na organização dos processos de trabalho no chão da fábrica, bem como na disposição espacial-geográfica necessária à valorização do capital. Por conseguinte, essas transformações implicam a inserção de novas tecnologias, tanto na circulação quanto na produção, a fim de reduzir o tempo de rotação do capital (MARX, 2014 [1885]) – sobretudo, considerando a tendência do capital de ampliar o setor de serviços.

Importante ressaltar que a reestruturação produtiva impõe ao conjunto dos trabalhadores a intensificação do trabalho por meio da implementação do sistema *just in time*. Nestes termos, por um lado, se diferencia do taylorismo-fordismo ao retirar a formação de um grande estoque, a produção em massa e a homogeneidade dos produtos; por outro, descentraliza a produção alocada num grande parque industrial, transferindo partes fragmentadas da produção para diferentes localidades ao redor do mundo.

Por sua vez, a introdução de dispositivos computadorizados ou técnico-informatizados não implica a generalização do trabalho qualificado. Ao contrário, o trabalhador especializado é base importante do processo produtivo toyotista, em que, diferente da estrutura taylorista-fordista, não opera somente uma máquina ou exerce uma função, mas passa a operar várias máquinas e a cumprir diversas funções ao mesmo tempo. Há, portanto, um agravamento da exploração da força de trabalho, seja pela intensificação da jornada de trabalho – ao operar uma diversidade maior de máquinas ao mesmo tempo e produzir mais mercadorias num espaço de tempo mais curto –, seja pela simplificação do seu trabalho, cujo resultado é a redução do tempo necessário à sua formação.

A reorganização da estrutura produtiva e a conseguinte mudança na dinâmica de valorização do capital, sob os marcos do toyotismo, abrem a possibilidade para a compressão do espaço-tempo (HARVEY, 2014), a mundialização do exército industrial de reserva (CHESNAIS, 2016) e do capital financeiro (CHESNAIS, 1998). Ademais, é o momento no qual se impõem, no interior dos processos de trabalho, avanços significativos na precarização da força

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

de trabalho de maneira geral, com aumento da rotatividade e generalização de contratos de trabalho sob a lógica da terceirização. Aqui está demarcada a fragilização das relações de trabalho inaugurada ainda na etapa taylorista-fordista.

Por seu turno, a liofilização dos processos de trabalho (ANTUNES, 2009) – que corresponde à transformação do espaço produtivo em unidades *enxutas* – e a *taxa decrescente do valor de uso das mercadorias* (MÉSZÁROS, 2011) – correspondente à obsolescência programada e/ou perceptiva das mercadorias – são determinantes para a retomada de um ciclo de valorização do capital. A reestruturação produtiva empreendida pelo toyotismo, nestes termos, está assentada na diminuição do contingente de força de trabalho incorporada como exército ativo de trabalho – o que implica o crescimento do desemprego – e na redução do tempo de durabilidade das mercadorias produzidas.

Há em curso uma tendência à generalização da redução do tempo de vida útil das mercadorias, com a qual se constitui a base para a produção capitalista e para a produção social da riqueza e da vida material como um todo (MÉSZÁROS, 2011). Desta maneira, estimula a aceleração da esfera da produção do capital e, por conseguinte, a redução do tempo médio socialmente necessário à produção da mercadoria. Ademais, a tendência de redução da durabilidade do valor de uso garante uma demanda cada vez mais rápida e crescente para a reposição de mercadorias, cujos desdobramentos alcançam o encurtamento dos tempos referentes aos ciclos do capital-dinheiro e do capital-mercadoria (MARX, 2014 [1885]) – momentos do capital que compõem o processo da circulação –, resultando também no estímulo à redução do tempo necessário à valorização do capital.

Aqui, o capital financeiro, fusão do capital bancário e do capital industrial (LENIN, 2012 [1916]), ganha novo aliado para a aceleração do tempo de rotação do capital (MARX, 2014 [1885]). Visto que, se o capital financeiro tem como um de seus efeitos a diminuição do intervalo entre o capital-dinheiro e o capital-produtivo, agora também há uma redução progressiva do intervalo entre o capital produtivo e o capital-mercadoria, associado à redução do intervalo entre o capital-mercadoria e o

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

capital-dinheiro da rotação posterior do capital. Desta maneira, o capital assegura um prolongamento do seu ciclo de crescimento, ao encurtar o seu tempo de rotação e ao multiplicar o número de rotações (MARX, 2014 [1885]). Delimita-se, então, um padrão de reprodução de capital sustentado pela redução do valor de troca e pela desintegração material cada vez acelerada do valor de uso.

Na esteira do estímulo à aceleração do tempo de produção, o tempo da circulação e da rotação do capital segue a tendência do capital de se intensificar e ampliar por meio da expansão do setor de serviços. Isto porque, a dinâmica de acumulação empreendida pelo toyotismo atua sobre as forças produtivas, as quais servem de instrumento para intensificar a tendência do capital de ampliar setores de atividades não necessariamente ligadas à produção de valor, mas que asseguram a consecução do processo de valorização. No entanto, o modelo toyotista o faz numa magnitude inédita para o modelo taylorista-fordista que, diferentemente deste, pauta sua dinâmica produtiva na generalização dos instrumentos técnico-informacionais e computacionais e, por meio desses instrumentos, avaliza a qualidade das mercadorias.

O toyotismo intensifica a tendência das disputas intercapitalistas, em que é demandada a redução do intervalo entre produção e consumo – ou melhor, entre produção e realização do valor. Mais que isso, intensifica a tendência da busca dos diversos capitais individuais não somente por lucros cada vez crescentes, mas por lucros extraordinários, cuja materialização pressupõe o incremento de uma base técnica na produção capitalista, o fortalecimento da composição orgânica do capital e, por conseguinte, o desenvolvimento das forças produtivas como um todo. Por isso mesmo, vale ressaltar que o sócio-metabolismo (MÉSZÁROS, 2011) do modo de produção capitalista exige a apreensão de alguns aspectos das legalidades inerentes a este modelo produtivo: 1) a velocidade da rotação e o número de rotações do capital; 2) a composição orgânica do capital.

O sistema técnico-informacional, para além dos serviços, serve como instrumento de aprimoramento do controle e da gestão da força de trabalho, a fim

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

de assegurar a elevação das taxas de exploração e a implementação de novas relações de trabalho que seguem nessa direção, como a terceirização. Ademais, as técnicas de gestão da força de trabalho são aprimoradas no sentido de articular as diferentes esferas da produção – agora fragmentadas pelo planeta – e de estimular maior autonomia e participação dos trabalhadores nos processos de trabalho, dentro de uma *expansão da liberdade criativa*, se comparada ao fordismo. Ainda sobre as técnicas de gestão da força de trabalho, sua consubstanciação tem também por objetivo *criar* um tipo de trabalhador capaz de realizar múltiplas atividades e de organizar por conta própria grupos de trabalho – aqui, o hiato entre gerência e chão da fábrica e entre concepção e execução do fordismo tende a se desmanchar (ANTUNES, 2009).

Na aparência, o toyotismo desenvolve uma horizontalidade entre os diferentes processos de trabalho, com a qual integra distintas empresas e distintos ramos da produção (ANTUNES, 2009). Na essência, eleva a exploração do trabalho pelo capital e o acirramento do controle do trabalhador pelo trabalhador, diminuindo ainda mais o poder organizativo dos trabalhadores já reduzido com a corrosão dos entes representativos da classe trabalhadora (partidos e sindicatos) (CLAUDIN, 2013), e tendo em vista o acirramento das disputas entre os trabalhadores que esta organização dos processos de trabalho provoca. Tanto o aumento da exploração quanto a implosão das entidades representativas da classe trabalhadora seguem na esteira da reestruturação produtiva, com a qual há uma passagem da organização dos processos de trabalho fordista – assentada na formação de grandes indústrias – ao modelo toyotista – pautado na redução do tamanho das indústrias e na fragmentação dos processos de trabalho.

Com o toyotismo há uma progressiva desregulamentação de direitos trabalhistas ao redor do mundo, atingindo tanto a esfera da produção quanto a dos serviços; além da fragmentação e da precarização da classe trabalhadora, ataques aos sindicatos mais conectados à base e a preferência pelas organizações sindicais de caráter patronal. Se o toyotismo – modelo japonês de produção na etapa

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

monopolista – assegurou a formação de pequenas unidades produtivas no Japão, na Europa e nos Estados Unidos, foi capaz de empreender a destruição dos grandes complexos industriais constituídos no modelo taylorista-fordista. Portanto, a estrutura toyotista, para além da organização dos processos de trabalho – com a elevação do montante de sobretrabalho extraído e o estímulo à vigilância do trabalhador pelo trabalhador –, implica também a desorganização político-representativa da classe trabalhadora; também constitui, a partir da década de 1970, a alternativa mais viável para o capital de superar sua crise que remonta do final de 1960 (CLAUDIN, 2013).

Por isso mesmo, há um melhor aproveitamento da jornada de trabalho com trabalho produtivo, sob o princípio do *just in time*. A organização dos processos de trabalho se baseia na produção por meio de equipes de trabalho, maneira de produzir com a qual o mesmo trabalhador pode realizar uma variedade maior de funções – se comparado ao modelo fordista –, de forma a estar apto também a manipular vários maquinários ao mesmo tempo. Outra característica do modelo toyotista é a organização horizontalizada dos diversos processos de trabalho associada à criação de regimes de terceirização, fundada em subcontratação e expansão de empresas-rede (CHESNAIS, 1996) com a qual se conecta produção e circulação.

Por sua vez, a horizontalidade das relações de trabalho e o estímulo ao controle de qualidade e avaliação de desempenho – realizado pelos trabalhadores e entre os trabalhadores – também são traços de distinção em relação ao modelo fordista, pois não nega a dimensão criativa e autônoma do trabalho; no entanto, estas dimensões são utilizadas como instrumento para extração de taxas cada vez crescentes de mais-valia. A generalização deste modelo, inclusive para as terceirizadas contratadas, garantiu altas taxas de produtividade sem um crescimento proporcional do contingente de força de trabalho. O que significa, portanto, a confluência entre a supressão máxima do tempo livre dentro da linha de montagem

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

e um disciplinamento ainda mais consistente dos trabalhadores nos processos de trabalho (ANTUNES, 2009).

A formação de empresas-rede e sua consequente divisão entre filiais e matriz apresenta uma nova forma de separação entre trabalho qualificado e não-qualificado, de maneira que este último consubstancia a parcela mais passível à precarização e, portanto, a parâmetros cada vez mais intensificados de sua mobilidade (CHESNAIS, 1996). A acumulação dita *flexível*, que orienta o modelo toyotista de produção, resulta numa generalização da precarização da força de trabalho, seja nos países da ponta do capitalismo – ainda que de maneira residual – e onde estão localizadas as matrizes das grandes multinacionais, seja nos países dependentes, para os quais são exportadas filiais e implementadas as etapas mais dilapidadoras da força de trabalho – regiões nas quais há mais possibilidades de elevar a extração da mais-valia.

Conforma-se, então, um cenário de desregulamentação da organização dos processos produtivos articulada à desregulamentação dos fluxos de capitais; isto porque, com a necessidade cada vez maior do capital financeiro elevar o seu grau de acumulação, tem por tendência a universalização para as diferentes esferas da reprodução ampliada do capital.

3 TOYOTISMO E REPRODUÇÃO AMPLIADA

O novo patamar de acumulação alcançado no âmbito do capital financeiro, no entanto, está vinculado à estrutura fordista-keynesiana, constituído sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, a partir da década de 1950 – momento no qual o capital já havia superado as crises decorrentes da quebra da Bolsa de Nova Iorque e das duas grandes guerras –, estabelecendo um longo período de acumulação do capital, a sua “Era de Ouro”. Nestes termos, o capital financeiro assegura sua dominação e um grau de acumulação cada vez crescente ao utilizar o capital portador de juros – visto que o aumento do rendimento das famílias nos países

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

imperialistas, durante o período de crescimento do pós-Guerra, permitiu que este excedente de liquidez fosse direcionado para a compra de títulos de seguro de vida (CHESNAIS, 1998). Assim, a chegada dos anos de 1960 constitui um cenário de transformação das empresas de seguro e de fundos de pensão em grandes companhias com ativos financeiros disponíveis para futuros investimentos.

Chesnais (1998, p. 24) aponta três etapas para a emergência da mundialização financeira. A primeira, vigente entre 1960 e 1979, corresponde a um tipo de mundialização mais restrita, na qual o desenvolvimento do capital financeiro está majoritariamente assentado nos Estados Unidos. A segunda, de 1980 a 1985, em que vigora a liberalização das finanças como meio de articulação somente entre as economias da ponta do capitalismo mundial. A terceira, por fim, de 1986 a 1995, se refere ao momento no qual o mercado financeiro adquire magnitude e intensidade suficientes para incorporar de maneira mais agravada os países dependentes à sua lógica. Esses períodos, no entanto, não são necessariamente simétricos, visto que o Brasil já se encontra incorporado à lógica do capital financeiro muito antes das décadas de 1980 e de 1990.

No íterim de 1960 a 1979, emerge uma diversidade de instituições financeiras, bancárias e não-bancárias – como fundos de pensão e seguradoras –, cujo poder advém da concentração de capital na forma de capital portador de juros. Ao mesmo tempo, essa dinâmica resulta da necessidade de valorização cada vez crescente do capital por meio da mercantilização do dinheiro – majoritariamente sob as formas de juros de empréstimos e de dividendos, assim como de lucros sobre especulações monetárias (CHESNAIS, 2005). Nestes termos, a mundialização do capital está assentada na generalização da atuação do capital portador de juros, de modo que a grande concentração de capitais entre poucas instituições financeiras se torna fundamental para estimular o novo ciclo de acumulação do capital e o alargamento do seu espaço de reprodução para uma dimensão crescentemente mundializada.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A crise capitalista da década de 1970 – embora já se tenha sinais desse processo ao final da década anterior – provoca um movimento de maturação da mundialização do capital financeiro; isto porque, com a concentração de capital nas instituições financeiras – como bancos, seguradoras e fundos de pensão –, a busca por superlucros exige a expansão em escala mundial do mercado financeiro, de modo a liberar os ativos financeiros acumulados para reinvestir em atividades que garantam maiores taxas de lucro. Assim, conforme a crise estrutural do capital passa a instaurar um longo período de estagnação, são produzidas as condições materiais necessárias para a emergência do capital portador de juros e do capital fictício enquanto formas fundamentais à reestruturação produtiva do sistema capitalista, à mundialização do capital financeiro – e do próprio capital, por conseguinte –, à reprodução ampliada do capital e à abertura de um novo ciclo de crescimento.

A reestruturação produtiva capitalista se processou após o período de recessão do capital – período de queda das taxas de lucro –, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, tem como importante marco a quebra dos acordos de *Bretton Woods* em 1971, permitindo a ampliação do campo de atuação do capital financeiro. A quebra desses acordos pelos Estados Unidos expressa mudanças na orientação estadunidense nos âmbitos da geopolítica e da economia – ou melhor, da sua política externa –, no sentido de destruir toda a estrutura que forçou a construir ainda na década de 1940, ou seja, a fim de derrubar as regulamentações monetárias como a conversibilidade direta do dólar em ouro e de superar as barreiras à liberalização dos fluxos de capitais (HARVEY, 2003).

A quebra dos Acordos de *Bretton Woods* engendrou as condições materiais para a mundialização do capital e dos mercados que, por meio da dissuasão dos Estados Unidos e da Inglaterra, assegurou às instituições financeiras o poder de concentrar e centralizar capital numa proporção tão grandiosa, que puderam transformar esse poderio econômico em força político-ideológica e político-institucional apta a implementar a destruição das regulamentações do Estado a

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



partir da década de 1980. Nestes termos, a expansão do capital financeiro e da lógica de acumulação a ele correspondente demandam sua desregulamentação e sua mundialização. Por sua vez, a reestruturação do capital ganha ainda mais fôlego, visto que, neste momento, o espectro do socialismo deixa de representar uma ameaça iminente ao modo de produção capitalista e conforme as regulamentações keynesianas não dão as repostas que o capital necessita à elevação das taxas de lucro (HARVEY, 2003).

Aqui, as tendências de concentração e centralização do capital, intensificadas com a ascensão do capital financeiro, têm um agravamento ainda maior com as diversas fusões ocorridas à época entre as multinacionais. Assim, liberalização e mundialização das atividades referentes ao capital financeiro requerem transformações dos grandes conglomerados nos âmbitos econômico e administrativo. Isto porque, os Investimentos Externos Diretos (IED's) e as Novas Formas de Investimentos (NFI's) agora constituem-se como os meios pelos quais ocorre a mundialização do capital (CHESNAIS, 1996).

As fusões das grandes multinacionais possibilitam, ao mesmo tempo, elevar as taxas de mais-valia extraída nos países dependentes e repassá-las aos países imperialistas, além de constituir um espaço para a intensificação de fluxos de capitais – realizadas entre filiais e matriz (CHESNAIS, 1996). Por isso mesmo, a forma de organização dessas indústrias se consolida como empresas-rede, forma pela qual, concomitantemente, passa a gerir os ativos financeiros investidos, adensa e estimula a criação de modelos variados de terceirização – implicando a precarização das relações de trabalho –, além de tornar mais coesa a relação entre concentração e centralização do capital com o espraiamento dos fluxos de capital – resultante da mundialização própria do capital financeiro e do capital, por conseguinte.

Liberalização e mundialização, além de corresponderem a um conjunto de transformações no processo de acumulação capitalista, representam a ascensão de instituições financeiras entre as décadas de 1980 e 1990 que começaram a

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

concentrar enormes montantes de dinheiro ainda nos anos de 1960. Nestes termos, os fundos de pensão passam de meros espaços de poupança para se constituírem enquanto instituições fundamentais à manutenção do capital financeiro mundial (CHESNAIS, 1998), cumprindo papel relevante na rotação do capital ao incidir nos ciclos do capital-dinheiro e do capital produtivo, assim como na apropriação de parte da mais-valia. Esta é a base com a qual as reformas de previdências se generalizam nos anos de 1990, a fim também de estabelecer no lugar das previdências públicas um espaço para a inserção do capital acumulado pelas instituições financeiras – sobretudo por meio de regimes de capitalização.

Assim, os ajustes impostos com as políticas neoliberais permitem uma mobilidade de capital suficiente para acessar um campo ainda mais diversificado de espaços dentro do processo de sua reprodução ampliada. Nesta toada, o capital produtivo e o processo de produção passam a ser crescentemente permeados pela lógica de dominação do capital financeiro, potencializada pelo capital portador de juros. Isto porque, a emergência do capital financeiro implica uma forma de controle sobre os diferentes ciclos que compõem a produção e a reprodução do capital global – isto é, sobre a rotação do capital. O capital portador de juros pode ser considerado como a forma utilizada pelo capital financeiro para dar maior coesão e rapidez entre dois desses ciclos – o do capital-dinheiro e do capital produtivo –, diminuindo o intervalo existente entre os processos de circulação e de produção do capital, além de estimular a criação de modelos de gestão e controle sobre os diferentes processos de trabalho, seja diretamente ligados à produção de mais-valia ou não.

Se o capital portador de juros tem na sua essência a certificação de um direito à apropriação de parte da mais-valia criada no processo produtivo – direito de propriedade e de crédito inserido ainda no ciclo do capital-dinheiro –, assume no contexto da mundialização do capital financeiro grande relevância conforme alarga o campo de investimentos dos ativos financeiros acumulados pelas instituições financeiras. Ademais, se o capital portador de juros antes da ascensão do capital

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

financeiro estava mais apartado da esfera produtiva, o capitalismo monopolista transforma esta lógica, no sentido de conferir à produção a redução do intervalo entre as formas de substantivação do capital e de estimular a intensificação da extração da mais-valia dentro da esfera da produção.

3 CONCLUSÃO

O novo patamar de concentração e centralização do capital que surge neste contexto implica o imbricamento entre distintos espaços do circuito correspondentes à sua valorização (CHESNAIS, 2005), permitindo às instituições financeiras o controle da cadeia produtiva global. Assim, se por um lado as grandes instituições financeiras passam a concentrar uma quantidade substancial de dinheiro e de ativos financeiros, e por isso mesmo conseguem organizar e controlar significativamente a estrutura produtiva em escala mundial; por outro, a relação entre capital industrial e capital portador de juros, inaugurada nesta etapa do capitalismo (CHESNAIS, 1998), implementa uma forma de administração das companhias com a qual consubstancia certa unidade entre os proprietários do capital produtivo e os acionistas.

O revolucionamento do modo de produzir é uma necessidade própria do sistema capitalista, a fim de superar a queda tendencial das taxas de lucro e de inaugurar um ciclo de acumulação. No entanto, as décadas de 1980 e 1990 demonstram um conjunto de fusões e de aquisições que, para além da expansão da esfera da apropriação da mais-valia, exercem a apropriação e intensificação dos processos de trabalho e o barateamento da força de trabalho, cuja base é a expansão ainda mais evidente do capital em escala global; expansão esta decorrente da expropriação geográfica-espacial – sobretudo das regiões dependentes e dos antigos países do bloco soviético – e da expropriação de circuitos ainda não dominados pelo capital – em especial, por meio das privatizações.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Aqui, liberalização e desregulamentação dos mercados, redução dos investimentos públicos, elevação da dívida pública e a privatização dos bens e dos fundos públicos são mecanismos utilizados pelo capital para garantir mercados a serem apropriados pelos investimentos externos diretos (IED's). Ademais, este processo se articula ao desenvolvimento de mecanismos que possibilitam uma mobilidade cada vez crescente de força de trabalho, o que implica a reestruturação dos processos de trabalho, a redução constante do valor da força de trabalho, assim como a simplificação do trabalho. Portanto, a disputa intercapitalista pela elevação das taxas de lucro, neste contexto, refere-se à combinação entre: a submissão do processo produtivo pelo capital financeiro, a tendência de generalização de dispositivos técnico-científicos e informacionais na produção do valor e a transformação cada vez mais recorrente do conjunto dos trabalhadores num contingente ainda mais móvel e supérfluo ao capital.

O capital impõe a superação dos entraves ao consumo da força de trabalho, seja definindo para o trabalhador a jornada de trabalho, a disponibilidade, as ferramentas com as quais deve executar suas atividades e onde deve realizá-las. Nestes termos, ao trabalhador resta a sujeição ao monitoramento cada vez mais recrudescido da sua vida como um todo, assim como a inserção numa forma do tempo e do espaço totalmente modelada pelo capital. No entanto, conforme o capital aumenta a sua capacidade de se tornar o artífice do tempo e do espaço, estrutura uma piora no padrão de vida da classe trabalhadora como um todo, seja na redução do acesso das suas diversas frações aos meios de produção e de subsistência, no desgaste precoce da massa de trabalhadores inserida nos processos de trabalho ou na transformação de parte dessa força de trabalho num contingente de reserva de trabalho.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CHESNAIS, François. **A mundialização do exército industrial de reserva.** In: O Comuneiro, 2016. Disponível em: <http://www.ocomuneiro.com/nr03_01_francois.htm>. Acesso em jun. 2020.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital.** São Paulo: Xamã, 1996.

CHESNAIS, François. **A mundialização financeira: gênese, custos e riscos.** São Paulo: Xamã, 1998.

CHESNAIS, François (org.). **A finança mundializada.** São Paulo: Boitempo, 2005.

CLAUDIN, Fernando. **A crise do movimento comunista.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

HARVEY, David. **O novo imperialismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, etapa superior do capitalismo: ensaio popular.** São Paulo: Expressão Popular, [1916] 2012.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política – Livro I: O processo de produção do capital.** São Paulo: Boitempo, [1867] 2013.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política – Livro II: O processo de circulação do capital.** São Paulo: Boitempo, [1885] 2014.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política – Livro III: O processo global da produção capitalista.** São Paulo: Boitempo, [1894] 2017.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo, 2011.

PROMOÇÃO



APOIO

